

v. 5 n.2 (2022) p. 154 - 163

Digital Object Identifier (DOI): 10.38087/2595.8801. 161

OS DESAFIOS METODOLÓGICOS, ÉTICOS E DE INVESTIGAÇÃO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Ricardo Selas Vieira de Andrade¹
Grasiele Reisdorfer²

RESUMO

Este artigo descreve a problemática conceitual e visa caracterizar o campo de estudos em educação, aspectos que interferem na identificação do campo científico, os desafios de investigação na área educacional e os atuais procedimentos e normas da revisão ética do Sistema CEP/Conep, que são ainda burocráticos e limitados para a pesquisa em educação. Esta produção tem como objetivos: indicar abordagens que possam contribuir para a pesquisa em educação; pontuar elementos que são chave para a investigação educacional; e tratar sobre a ética na perspectiva da formação do pesquisador. Com base em artigos dos autores Bernadete A. Gatti (2012), Jeferson Mainardes (2017) e Luís Armando Gandin (2011). Como resultados, a pesquisa não se limita ao método, mas, acontece nas intencionalidades nos estudos e investigações, que o campo de estudos em educação está conectado com uma pluralidade de saberes e que a ética precisa estar para além das normas e formulários.

Palavras-chaves: Pesquisa em educação. Epistemologia da educação. Ética na pesquisa. Concepções de pesquisa.

ABSTRACT

The article describes the conceptual problem to characterize the field of studies in education, aspects that interfere in the identification of the scientific field, the research challenges in the educational area and the current procedures and norms of the ethical review of the CEP/Conep System, which are still bureaucratic and limited for research in education. This article aims to indicate approaches that can contribute to research in education, to point out elements that are key to educational research and to deal with ethics in the perspective of the formation of the researcher. Based on articles by authors Bernadete A. Gatti (2012), Jeferson Mainardes (2017) and Luís Armando Gandin (2011). As a result, the

¹ Doutorando em Educação na *Logos University International* e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente é *Management Control Auditor* na *The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*. E-mail: rselasandrade@gmail.com

² Professora revisora Unilogos – E-mail: grasiele@unilogos.education

research is not limited to the method, but it happens in the intentions in the studies and investigations, that the field of studies in education relates to a plurality of knowledge and that ethics needs to go beyond norms and forms.

Keywords: Research in education. Epistemology of education. Research ethics. Research Concepts.

1 INTRODUÇÃO

Diversos atores da sociedade moderna exigem que a pesquisa científica na área educacional seja útil de fato para contribuir ou resolver os problemas da educação e com excelência. Mas, frequentemente o conceito utilizado para definir este campo de estudo é difuso. Estamos falando da educação escolar, da pedagogia, da andragogia, da didática etc. O campo científico nem sempre está claro no debate sobre educação, o significado é importante para delimitar o que está sendo de fato investigado. O termo educação é comumente utilizado, sem muita preocupação com o significado no contexto da análise científica.

A educação geral como fato social e a educação escolar são campos de pesquisa com algumas relações, mas, são diferentes. Como o pesquisador pode deixar isso mais claro nos estudos que publica?

O pesquisador desta área, na realidade está conectado com diversos saberes, o que torna complexo delimitar o campo de pesquisa com clareza para o público em geral. Este é um dos desafios da metodologia científica educacional.

Segundo Gandin (2011, p.339-340), para uma análise complexa do real, dependemos de referenciais epistemológicos e metodológicos. O artigo Pesquisa Qualitativa Crítica: conceitos básicos de Phil Francis Carspecken, pesquisador estadunidense da teoria e da etnografia crítica em educação e ciências sociais, é uma resposta concreta a esses desafios. Carspecken apresenta uma exaustiva introdução ao trabalho de pesquisa em educação feita a partir do referencial da teoria crítica. O autor inicia afirmando que o conhecimento é visto, na tradição crítica, não apenas como um saber construído sobre a realidade social, mas, ele mesmo, realidade social. Insiste que a pesquisa crítica não tem por objetivo apenas descrever o mundo social, mas transformá-lo. Em um texto em que explica, detalhadamente, os pressupostos e os parâmetros da pesquisa qualitativa crítica, Carspecken oferece, em suas palavras, um modelo que inclui condições de ação, consciência do ator sobre as condições, o sentido das ações, as consequências de ações e sistemas que vinculam consequências às novas condições de ações.

O campo de pesquisa científica em educação é multifacetado e oferece uma grande variedade de perspectivas (Gandin, 2011, p.342).

Por fim, a partir da resolução CNS nº 510/2016, que dispõe sobre as normas éticas aplicáveis às pesquisas de Ciências Humanas e Sociais, podemos identificar pelo menos duas visões que parecem antagônicas sobre a ética na pesquisa educacional, fato que gera burocracia e desafios para os pesquisadores da área de educação. Parte desta divergência pode ser mais bem compreendida pelo fato desta resolução estar vinculada a área de saúde, mas, que tais normas éticas também são aplicadas para as pesquisas em educação.

2 ASPECTOS IMPORTANTES NA INVESTIGAÇÃO EDUCACIONAL

Segundo Beillerot (2000), existem três aspectos relevantes que precisamos considerar na busca de uma forma de investigação. O primeiro é, justamente o fato de que há uma enorme complexidade de discursos e de explorações em relação à educação e à formação.

Entre os extremos, por exemplo, há um grande levantamento macroscópico da economia dos sistemas escolares e a observação da ação educativa cotidiana de uma mãe em relação a seu bebê, há uma multiplicidade de situações, de dados, de práticas para as quais, sem dúvida, no momento, é vã a tentativa de querer ou de esperar que elas se juntem todas sob um único rótulo [...] (Beillerot, 2000, p.158).

O segundo aspecto diz respeito às maneiras de proceder nas pesquisas. São vastas as opções de formas de pesquisa, quantitativa, qualitativa, mista, bibliográfica, jornalística, empírica problematizada, o estilo e a forma dependem do método escolhido, da afinidade e domínio do pesquisador com o estilo de pesquisa.

Em terceiro lugar, coloca-se a relação pesquisa e demanda social. É comum na academia ouvir que a pesquisa precisa responder às demandas da sociedade, que o pesquisador precisa entregar algo útil para a sociedade, em outros *ethos* também existem vozes que dizem o mesmo. Mas, o pesquisador precisa discernir com clareza e objetividade o que de fato é uma demanda social ou desejo de uma ou poucas pessoas, fazendo as seguintes perguntas, o quê, quando, como, onde, por que, para quem e para quê.

Na educação, como em outras áreas e práticas, alguns indicadores são claros, mas, outros são aleatórios. Podemos considerar que os indicadores claros, são aqueles utilizados pelos gestores de uma escola, dados que precisam enviar para o Ministério da Educação por meio de plataforma digital. Os indicadores aleatórios podem ser as opiniões e visões diversas dos formadores de opinião, modismos e ideologias. Neste caso, temos demandas sociais que variam para o mesmo fim.

Com isso, partindo dos indicadores aleatórios, temos na realidade debates baseados em paixões, ideologias, opiniões, sem fundamento e argumento forte e sem boa fé. Esse tipo de demanda social não endereça para uma construção científica na área de educação. O pesquisador precisa ficar atento para separar o que de fato é uma demanda social, e o que pode ser o desejo de uma pessoa ou demandas corporativistas que podem ser atendidas por outras instâncias.

Pela variedade temática existente no campo da educação, é uma tarefa árdua para o pesquisador caracterizar o caminho da elaboração de pesquisa. Mas, quatro concepções (LENOIR, 2000; BRONCKART, 1989; GARCIA, 2011) podem ser úteis para a caracterização da pesquisa em educação. As perspectivas instrumentais, lógico cognitiva, do sujeito que aprende e da praxiologia. Na primeira vemos a associação com os métodos, técnicas e procedimentos, na segunda, a teorização sobre o ensino, na terceira, têm origem nas referências de Piaget, sociointeracionista, sócio-histórica, sem uma base epistemológica clara, na quarta, uma tendência mais formativa e voltada à ação.

Novas aproximações problematizadoras surgem e abrem um leque de temas à investigação recentemente. O campo de pesquisa precisa estar bem identificado metodologicamente, para que seja produzido conhecimento científico, legitimado pela academia e pela sociedade.

3 ELEMENTOS CHAVES PARA A INVESTIGAÇÃO EDUCACIONAL

O país de origem do *lócus* de pesquisa é um dos elementos que pode definir se o que você considera uma técnica de pesquisa, na realidade se trata de uma prática de pesquisa. Assim como as pessoas de diferentes nacionalidades veem um quadro na parede, de acordo com o idioma que ela foi alfabetizada, ou seja, no português do Brasil, escrevemos de cima para baixo e da esquerda para a direita, da mesma forma são nessas direções que apreciamos um quadro na

parede. Portanto, uma prática para os pesquisadores brasileiros, pode ser uma técnica para os europeus.

Neste sentido, uma contribuição importante para o campo da pesquisa em educação é a análise apresentada por Carla Beatriz Meinerz da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em seu texto intitulado “Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação”, a autora examina a metodologia dos grupos de discussão, mas o faz com o olhar de quem entende a escolha da metodologia como parte da concepção de ciência que o pesquisador escolheu. A autora inicia situando o seu trabalho metodológico com grupos de discussão dentro da tradição da sociologia crítica espanhola, sem, contudo, desconhecer os seus usos nos Estados Unidos e Alemanha. Ela demonstra que, nessa tradição, os “grupos de discussão não são entendidos como uma técnica, mas sim como uma prática de investigação” (GANDIN, 2011, p. 342). Mostra também que os grupos de discussão não são exatamente um *locus* de discussão; eles acabam sendo um espaço onde se busca reconstruir o discurso cotidiano dos sujeitos da pesquisa. Influenciada pela sociologia de Pierre Bourdieu, essa concepção de pesquisa objetiva também identificar elementos do habitus dos grupos participantes. A autora demonstra como a execução do grupo de discussão é crucial para seu êxito e examina as condições necessárias. O discurso (re)produzido pelos sujeitos da pesquisa (uma espécie de habitus falado, segundo a autora) é então analisado, sendo importantes também os ruídos da fala e não apenas o som predominante. Indo além da mera descrição abstrata, Meinerz nos oferece um exemplo concreto do uso de grupos de discussão em seu próprio trabalho de pesquisa. A autora conclui mostrando a importância da vigilância do pesquisador e a necessidade do cruzamento dos dados obtidos com essa metodologia e outras fontes de dados.

Em nosso fazer de pesquisador, outro elemento importante é, ao realizar uma pesquisa em educação, muitas vezes estamos fazendo uma pesquisa sobre vários outros saberes, reconhecer a diversidade epistemológica, é essencial para delimitar bem o tema, para não se perder na pesquisa, o pesquisador pode criar e recriar formas de interpretar os dados.

Por causa da diversidade de enfoques, recomenda-se o diálogo em grupos de pesquisa para que o campo de pesquisa fique claro. É possível vislumbrar emergências de novos arranjos explicativos, que buscam dar conta da complexidade de nosso mundo contemporâneo. É possível que estejamos

caminhando – a passos lentos, é verdade – para o que Santos chama de ecologia de saberes, ou seja, o reconhecimento da diversidade epistemológica, que não acompanhou o reconhecimento cultural. Segundo Santos, tão importante quanto saber o que se aprende é saber o que se esquece, o que é suprimido como saber, nesse processo de aprender (Santos, 2007, p. 87).

4 ÉTICA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Nesta parte é importante inicialmente explicar a diferença entre a moral e a ética, que não raramente ambas são chamadas ou pensadas somente como ética. Moral é o conjunto de normas de conduta, em uma empresa, pode ser um documento que descreve a conduta esperada para os colaboradores, pode ser até um formulário com o código de conduta e com campos específicos para o colaborador preencher e assinar. A ética é a reflexão sobre a moral, ou seja, é a reflexão sobre a conduta de uma ou mais pessoas. Toda profissão regulamentada, tem um conselho de classe e um código de conduta, que podemos dizer que é a moral para aquela profissão.

O Sistema CEP (Comitês de Ética em Pesquisa) e CNEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), mesmo no pós-Resolução CNS nº 510/2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (CHS), parece que não distingue a moral da ética. E isso gera uma demanda permanente dos pesquisadores em educação, inclusive em virtude desta resolução estar vinculada a área de saúde, mas, aplicável para as pesquisas em educação também.

No Brasil há uma regulamentação única da ética em pesquisa com seres humanos para as duas grandes áreas (biomédica e Ciências Humanas e Sociais).

Segundo Mainardes (2017. p.161), ética em pesquisa tem sido uma preocupação constante dos pesquisadores da área da educação, bem como da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) e dos Programas de Pós-Graduação em Educação.

O CEP/CNEP centralizam, burocratizam e uniformizaram os procedimentos de revisão ética de pesquisas, aplicando os mesmos critérios para pesquisas de biomedicina, nas pesquisas em educação também. Com isso algumas exigências não fazem sentido para as pesquisas em educação, por exemplo, solicitação para alteração de amostra, discordância sobre referencial teórico, alteração em

instrumentos de coleta etc.

Um levantamento realizado pelo Fórum Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação (Forpred), em 2013 (FORPRED, 2013), o qual contou com a participação de 86 Programas de Pós-graduação em Educação (PPGEs), constatou-se que em 48 a submissão dos projetos de pesquisa dos pós-graduandos ao Comitê de Ética era obrigatória, principalmente para os doutorandos. Em outros 38, a submissão de projetos (mestrado e doutorado) era opcional. Ou seja, 55,8% precisaram ser submetidos ao Comitê de Ética. Neste cenário, os pesquisadores de educação ficam desmotivados para enviar pesquisas para a revisão ética.

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), tem sido o principal espaço para o debate sobre esta conjuntura, os pesquisadores em educação demandam que a revisão ética não fique mais vinculada a área de saúde. Que o processo possa contemplar a realidade da pesquisa em educação.

Uma das propostas é a de que ao preencher o formulário, o próprio sistema classifica o nível de risco e demanda algum ajuste ou aprova/reprova a revisão ética.

A resolução CNS nº 510/2016 foi revisada, mas, ainda não atende as necessidades dos pesquisadores em educação.

Para Mainardes (2017), o primeiro nível da ética é normativo (o menos profundo); o segundo, interior; e o terceiro é relacional ou inter-humano. Esse nível – de profundidade radical – “[...] é o da ética de relação, inspirado na disposição de deixar-se afetar e responsabilizar-se por outrem, com suas necessidades, exigências e limites únicos. A categoria chave – ou centro gerador do dever – é a de alteridade”. Esses três níveis de ética são extremamente úteis para se compreender a necessidade de superação da ideia de ética na pesquisa apenas como uma norma a ser seguida ou como o preenchimento de um formulário (SANTOS, 2017, p. 9 – grifos do autor).

Em um levantamento de publicações relevantes para a discussão sobre ética na pesquisa CHS, apenas 5,4% das publicações falavam sobre ética e formação de pesquisadores (MAINARDES, 2017, p. 166). É evidente a necessidade de mais publicações sobre este tema, para fomentar este debate.

Em países como Estados Unidos e Austrália, o código de ética para pesquisas não são apenas uma lista de leis, regras e formulários, a abordagem é mais na direção de motivar reflexões que ajudam a mudar comportamentos.

No Brasil, é urgente a necessidade de mudança, para se tornar uma ética na perspectiva da formação de pesquisadores, que refletem sobre as suas ações e com isso ajude a mudar comportamentos. O processo atual e a resolução, demonstra que a moral continua sendo interpretada como ética, o que dificulta as mudanças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As delimitações de teorias, métodos e objetos são fundamentais para a pesquisa em educação, mas, são as intencionalidades no estudo e investigação que concretizam a produção científica. Parte da produção de pesquisas na área de educação, no período da pandemia, buscaram respostas para o ensino e aprendizagem no contexto do isolamento social, muito conectado com a área de tecnologia. Os pesquisadores criaram e recriaram novas abordagens de problematização, que expandiu as opções de temas. Esse movimento de pesquisa em educação aliada à tecnologia e diversas outras áreas do saber, aumenta a complexidade de indicadores objetivos e subjetivos no campo da pesquisa em educação. Com isso, o diálogo em grupos de pesquisadores é necessário, para o clareamento das divergências entre diferentes prismas.

O elemento cultural do *lócus* da pesquisa precisa ser muito bem compreendido pelo pesquisador, para não cometer equívocos e para extrair o melhor para o objetivo da pesquisa. Grupo de discussão, pode ser uma técnica científica em um país e prática em outro, ainda pode ser considerado um espaço onde se busca reconstruir o discurso cotidiano do sujeito da pesquisa. Uma experiência internacional pode contribuir para o aumento deste repertório cultural na pesquisa. A busca pelos efeitos da educação que não se dá na sala de aula, pode ser um campo fértil para novas abordagens e descobertas de pesquisa em educação.

O processo de revisão ética atual no Brasil é burocrático, utilitarista e fortemente baseado no modelo biomédico. Inadequado para os pesquisadores de educação, muitas das exigências não fazem sentido, por exemplo, alteração de amostra. A ética em pesquisa precisa ser entendida e aplicada como uma questão de formação, para além de formulários e procedimento administrativo. Precisamos avançar no debate sobre os conceitos usados sobre educação, como campo de pesquisa, o qual parece que ainda não é usado de forma decodificada

e analítica por muitos. Podendo desqualificar esta área de pesquisa, comparativamente aos outros saberes. Talvez o uso de dados qualificados e estruturados, pode contribuir nesta busca.

REFERÊNCIAS

GATTI, B. A. **A construção metodológica da pesquisa em educação.** Revista Brasileira de Política e Administração da Educação. RBPAAE - v. 28, n. 1, p. 13-34, jan/abr. 2012

GANDIN, L. A. **Pesquisar em Educação: desafios contemporâneos.** Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 337-345, maio/ago. 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade – Acesso em 11 de setembro de 2022

MAINARDES, J. **A ética na pesquisa em educação: panorama e desafios pós-Resolução CNS nº 510/2016.** Educação: revista quadrimestral Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 160-173, maio-ago. 2017. ISSN 1981-2582
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2017.2.26878> – Acesso em 11 de setembro de 2022

BEILLEROT, J. **La recherche em éducation em France: résultats d'enquêtes sur les centres de recherches et les périodiques.** Revue Suisse des sciences de l'éducation, nº 1, 22^o Année, Fribourg, Suisse, 2000, p.145 – 163.

LENOIR, Y. **La recherche dans le champ des didactiques: quelques remarques sur les types de recherche, leur pertinence et leur limites pour la formation à l'enseignement.** Revue Suisse des sciences de l'éducation, nº 1, 22^o Année, Fribourg, Suisse, 2000, p.177 – 220.

BRONCKART, J-P. **Du statut des didactiques des matières scolaires.** Langue Française, nº 82, p.53 – 63, 1989.

GARCIA, W.E. (org.) **Perfis da Educação:** Bernardete A. Gatti – Educadora e Pesquisadora, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

SANTOS, B. S. **Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** Novos Estudos - CEBRAP, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.